

TRAGEDIA INFANTIL

V

O REMORSO

E o pequeno—embezerrado,
Mudo, ficou no jardim,
Inerte como um forçado,
Sombrio como Cain.

Negros phantasmas chimericos
Davam hostis gargalhadas...
Via os lírios cadavericos,
E as rosas ensanguentadas!

Contemplavam-n'os os rochedos
Com sinistra indignação;
As folhas dos arvoredos
Gemiam baixo—: Ladrão!

—Olha, vê o que fizeste!»
Disse o luar cristalino.
Um mocho sobre um cypreste
Piava ao longe—: Assassino!

Com o olhar em furia acceso,
Ao verem crime tamanho,
Fitavam-n'os com desprezo
Os seus soldados de estanho.

E a seus pés, visão maldita!
Jazia a pobre insensível,
Com os miolos de chita
Fôra do craneo... Era horrível!

Ergueu a medo os destroços
Do sanguinolento drama.
Vinhão juntas com os ossos
Tripas de algodão em rama!

Guardou dentro do chapéu
A hedionda carnificina;
E como caminha um réo
Que vai para a guilhotina,

Entrou em casa assombrado,
Lívido, exangue, impotente.
Um gato sobre um telhado
Miava agoirciramente.

E no azul esplendoroso
Via-se a lua suspensa,
Como o disco monstruoso
D'uma palmatoria imensa!

VI

A DOENÇA DE BÉBÉ

Despem-n'a em cima na cama,
E não a encontram magoada!
O pai quer bater-lhe, e exclama:
—É uma rabuge... mais nada!

Chora, n'um doido estertor;
Que terá ella?... mysterio!
Chamam á pressa um doutor;
Entra um doutor grave e serio.

Toma-lhe o pulso, medita,
E com ar auctorizado:
«Pequena indigestãosita...
«Não é coisa de cuidado.»

E, receitando a tisana,
Foi-se embora a medicina.
A's vezes a dôr humana
É herculea garra leonina,

Que se nos crava no peito.
Esmaga, rasga, esphacella...
E o corpo enfim cae desfeito,
Prostrado debaixo d'ella.

Assim a pobre creança,
Aniquilada e vencida,
No somno afinal descança,
Mais morta que adormecida.

GUERRA JUNQUEIRO.

1



CRYSTALLISAÇÕES

ORPHÃO

Não ter mãe, não ter amada!
Ai, que tristeza tamanha,
Que dura sorte funesta!
Nem a urze da montanha,
E é coisa bem desgraçada,
Teve sorte igual a esta.

Vir ao mundo e não ter mãe!
Percorrer o mundo inteiro
Sem um labio maternal,
Que nos diga: — Filho, vem!...
É como ser forasteiro
Na propria terra natal!

E dizer que, havendo Deus,
Fonte d'immensa piedade,
Ha creancinhas sem berço
E almas sem caridade!...

Ver os lírios das campinas
Todos cheios d'alegria,
E tantas mãos pequeninas
Sem o pão de cada dia!

Senhor, Senhor! Quando scismo
Que ha muitas almas que nascem
Sobre o cairel d'um abysmo,
E que basta um sopro apenas
Das tempestades do mundo
Para as lançar lá no fundo,
Se tem fundo essas gehenas...
Ah! Perdoa-me, Senhor!
Mas por dentro do meu craneo
Passa a duvida sombria,
Como larva immunda e fria
Nas trevas d'um subterraneo!

Teu filho, o proprio Jesus,
Emblema do soffrimento,
Que morreu pregado á cruz
Sem um unico lamento,
Sem um grito, sem um ai,
Teu proprio filho, Senhor,
Teve mãe e teve pae.

Ser orphão! Não ter na vida
Aquillo que todos tem!...
É como ave sem ninho...
É qual semente perdida,
Que ao voltar do seu eirado,
O lavrador descuidado
Deixou tombar no caminho;
E quando vem a tormenta
Arrancal-a sem piedade,
A triste não se lamenta
Da sua triste desgraça!
Herva da rua... Quem passa
Póde esmagal-a á vontade!

GUERRA JUNQUEIRO.

2

JUNQUEIRO ESCRITOR
A INFÂNCIA COMO TEMA (3)

1."Tragédia Infantil"
A Illustração Portuguesa
N.º 27-31, Jan.-Fev.. 1886

2. "Orphão"
A Illustração Universal
16 Ago. 1884, p. 223